

MANCHETE: O SUJEITO NA PASSIVA ANALÍTICA

Lizandra Resende Nascimento (UFES)

lizandra-resende@hotmail.com

Carmelita Minelio da Silva Amorim (UFES)

carmel_msa@yahoo.com.br

RESUMO

A estrutura de passiva analítica no português é considerada um fenômeno de voz, em que o sujeito é o paciente da ação verbal e o agente da ação (agente da passiva), muitas vezes, é desfocalizado. Objetiva-se, com este trabalho, demonstrar as diferentes estratégias de desfocalização do agente, que, no gênero textual manchete, em geral, é pressuposto e recuperável no contexto da notícia, o que explicaria seu apagamento. Para tanto, toma-se como base os pressupostos teóricos da perspectiva centrada no uso, que concebe a língua como um fenômeno interativo e dinâmico, constantemente moldada, tanto por fatores linguísticos e cognitivos, quanto por fatores externos. Nessa perspectiva, a construção de passiva analítica é observada em termos de sua complexidade, tanto sintática, quanto semântica e pragmática. O *corpus* a ser analisado se constitui de manchetes policiais veiculadas no jornal *A Gazeta*, no período de janeiro a junho de 2014, das quais 86,80% apresentam estrutura de passiva analítica sem o agente expresso.

Palavras-chave:

Perspectiva centrada no uso. Passiva analítica. Gênero manchete policial.

1. *Introdução*

As conceituações de sujeito, presentes nos estudos linguísticos, apresentam características diversas. Luft (2002, p. 46) conceitua o sujeito como “o elemento com o qual concorda o verbo”. Para Rocha Lima (2013, p. 288), sujeito é “o ser de quem se diz algo”. Em livros didáticos é comum a afirmação de que sujeito é aquele que pratica a ação expressa pelo verbo. Bechara (2009) se opõe a esta última definição, indicando que o sujeito nem sempre é o agente da ação: “o sujeito não é necessariamente o agente do processo designado pelo núcleo verbal (...). O sujeito pode representar o paciente desse processo”. (BECHARA, 2009, p. 410)

Neste trabalho, partiremos da noção de sujeito como aquele que pratica a ação, uma vez que o foco são estruturas de passiva analítica, formadas a partir da estrutura ativa, em que o sujeito age sobre um objeto, ocorrendo uma inversão em que esse objeto passa para a posição de sujeito e o sujeito torna-se agente da passiva. Desse modo, o foco discursivo

sivo recai não mais sobre o que pratica a ação, mas sobre um sujeito paciente, que recebe a ação executada por um agente.

O objetivo deste trabalho é demonstrar as diferentes estratégias de desfocalização do agente, que, no gênero textual manchete, em geral, é pressuposto e recuperável no contexto da notícia, o que explicaria seu apagamento.

Segundo Shibatani (1985), o uso da passiva é uma estratégia de desfocalização do agente da ação. Seguindo Shibatani, Givón (2001) destaca que a voz passiva é utilizada principalmente para a supressão do agente. Para Givón, o fato de um argumento “não agente” ser topicalizado é apenas a consequência dessa supressão. Percebe-se, portanto, que essa omissão do agente da ação pode ser uma estratégia utilizada pelo falante, por ser o agente desconhecido, irrelevante, recuperável no contexto e/ou uma maneira de chamar a atenção do leitor.

Com o intuito de analisar as diferentes estratégias de apagamento do agente da ação verbal em estruturas de passiva analítica, desenvolvemos essa pesquisa, com base nos pressupostos teóricos da perspectiva centrada no uso, que considera o uso efetivo da língua.

Para a análise, selecionamos as manchetes policiais, aquelas que veiculam informações relacionadas a crimes, construídas com estrutura de passiva analítica, utilizadas pelo jornal *A Gazeta*, do Espírito Santo, no período de janeiro a junho de 2014.

Segundo Costa (2009, p. 143), a manchete “geralmente é um enunciado breve, mas de grande força enunciativa, que chama a atenção do leitor para o fato de maior destaque e até pode atrair o leitor para a leitura da matéria jornalística destacada”.

Marcuschi (2002, p. 22-23) define gênero textual como “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. O autor destaca que os gêneros “são definidos basicamente por seus propósitos (funções, intenções, interesses) e não por suas formas”. (MARCUSCHI, 2002, p. 32)

A pesquisa da qual este trabalho faz parte está sendo desenvolvida no Núcleo de Pesquisas em Linguagens da UFES, com o apoio da FAPES e integra o projeto intitulado “Manifestações do sujeito: da tradição gramatical à perspectiva centrada no uso da língua”.

2. *A complexidade da passiva*

Na língua portuguesa, a oração ativa é considerada a estrutura sintática mais básica e apresenta uma ordenação prototípica sujeito-verbo-objeto. Já a oração passiva inverte essa ordenação prototípica. A construção passiva analítica é considerada um fenômeno de voz, em que o paciente da ação verbal é o sujeito da oração, geralmente formada pelo verbo auxiliar ser + particípio passado de verbos transitivos diretos + preposição “por” + agente da passiva. Furtado da Cunha (2000) aborda a complexidade da estrutura passiva.

Do ponto de vista sintático, a passiva é uma construção complexa porque exhibe uma ordenação dos constituintes que se desvia da estratégia mais comum de apresentação desses constituintes: sujeito-verbo-objeto, em que sujeito e objeto frequentemente correspondem aos papéis semânticos de Agente e Paciente, respectivamente. (FURTADO DA CUNHA, 2000, p. 108)

A autora ainda destaca que a codificação passiva afeta a correspondência entre papéis semânticos e relações gramaticais, pois o objeto (paciente) da oração ocorre como sujeito e tópico e o agente é omitido ou apresentado como agente da passiva.

Rocha Lima (2013, p. 313) conceitua o agente da passiva como “o elemento que, na voz passiva com auxiliar (...), representa o ser que praticou a ação verbal”. O autor destaca que “o agente pode declinar de importância a ponto de ser omitido” (LIMA, 2013, p. 314). Furtado da Cunha (2000) observa que um dos motivos para essa omissão tornar o agente impessoal.

Outra característica identificada nas diversas ocorrências de passiva analítica, nas manchetes analisadas, é o fato de o agente ser pressuposto, muitas vezes, podendo ser identificado no contexto da notícia que segue a manchete. Logo, esse agente pode não ser apresentado na oração por ser redundante expressá-lo ou por tratar-se de uma maneira de chamar a atenção do leitor para a leitura do jornal.

Segundo Shibatani (1985), a construção passiva tem uma função semântico-pragmática distinta da construção ativa. Para o autor, dizer uma frase na voz ativa não é o mesmo que dizê-la na voz passiva. Portanto, a estrutura passiva analítica não deve ser apenas analisada sintaticamente, pois veicula estratégias pragmático-discursivas que precisam ser observadas sob aspectos funcionais do uso efetivo da língua.

3. A perspectiva centrada no uso

A linguística funcional centrada no uso é o resultado da união de duas correntes teóricas, que apresentam algumas características comuns: a linguística funcional e a linguística cognitiva. A perspectiva centrada no uso

reconhece o estatuto fundamental das funções da língua na descrição de suas formas, de modo que cada entidade linguística deve ser definida com relação ao papel que ela desempenha nos processos reais de comunicação. Em razão disso, procura essencialmente trabalhar dados reais de fala e/ou de escrita, inseridos em contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases criadas *ad hoc*, dissociadas de sua função no ato comunicativo. (FURTADO DA CUNHA & BISPO SILVA, 2013, p. 15 e 16)

Essa abordagem teórica considera ainda a interferência dos fatores extralinguísticos, isto é, fatores sociais, cognitivos, históricos, econômicos, entre outros, como um fator motivador para os fatos da língua. Ao abordarem os pressupostos das teorias da linguística funcional e da linguística cognitiva, Martelotta e Alonso (2012, p. 94) mostram que “a forma como armazenamos e processamos informação está fortemente ligada às relações que fazemos entre os elementos do mundo à nossa volta e a maneira como nos relacionamos com eles”.

Um dos princípios observados no uso da língua é a iconicidade, relacionada à motivação entre as formas das construções gramaticais e a função que elas desempenham no discurso, prevendo uma conexão não arbitrária entre forma e função. O princípio da iconicidade, defendido por Givón (1991 e 1995) apresenta-se em três subprincípios: da quantidade, da integração, da ordenação linear.

Pelo princípio da quantidade, postula-se que maior quantidade, menor previsibilidade ou que maior importância de informação receberá mais material de codificação. De acordo com o princípio da adjacência, conceitos cognitivamente mais integrados manifestam-se, linguisticamente, com maior integração morfossintática. Pelo princípio da ordenação linear, prevê-se que a ordenação das formas no nível oracional e de organização textual revela a ordem de importância para o falante. Desse modo, cognitivamente, a informação mais importante e/ou imprevisível demanda mais atenção, o que justifica sua colocação em primeiro lugar na cadeia linguística.

Considerando as manchetes policiais, observamos a atuação, principalmente, dos subprincípios da quantidade, uma vez que a estrutura de

passiva é maior que a ativa, e da ordenação linear, já que sendo a vítima é colocada em foco, ficando, portanto, no primeiro plano.

Outro princípio geral, proposto por Givón (1991 e 1995), é a marcação, que envolve uma relação sistemática entre complexidade estrutural e cognitiva. Sob o viés desse princípio, categorias cognitivamente marcadas, isto é, cognitivamente complexas, tendem a ser também estruturalmente marcadas. A marcação, no entanto, é dependente do contexto e, no caso das manchetes policiais, pode-se dizer que a passiva seria não marcada, já que é parte da configuração desse gênero textual.

A informatividade e a perspectivação são outros dois fenômenos presentes nas análises linguísticas centradas no uso da língua. A noção de informatividade refere-se ao conteúdo informacional compartilhado, ou supostamente compartilhado, pelos falantes, uma vez que o indivíduo se comunica com outro a fim de informar-lhe alguma coisa sobre o mundo, seja ele externo ou interior, esperando uma reação por parte de seu interlocutor. Sendo assim, o falante organiza seu discurso, tanto no que se refere à ordenação e à codificação dos elementos na cláusula, considerando o grau de acessibilidade de seu ouvinte.

A perspectivação, por sua vez, associa-se à informatividade, ao vincular o direcionamento da atenção sobre um determinado evento referencial, colocando em foco aspectos específicos desse evento. (Cf. TOMASELLO, 1998)

Desse modo, pode-se afirmar que esses fenômenos se articulam a partir de fatores de ordem tanto semântico-cognitiva quanto discursivo-interacional. (Cf. FURTADO DA CUNHA; BISPO & SILVA, 2013, p. 28)

Os pressupostos teóricos da perspectiva centrada no uso são de extrema importância para a análise dos fatos linguísticos, visto que, a partir deles, é possível se observar o funcionamento da língua, não apenas conceituando gramaticalmente as estruturas, mas analisando a forma linguística e a função que desempenha no discurso.

4. Análise do corpus

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Núcleo de Pesquisas em Linguagens da UFES. Para análise dos dados, foram selecionadas manchetes policiais com estruturas de passiva analítica do jornal *A Gazeta*,

do Espírito Santo, no período de janeiro a junho de 2014. Após essa análise quantitativa, foi feita uma análise qualitativa a partir de critérios da perspectiva centrada no uso. Para uma melhor análise da manifestação do sujeito em estruturas de passiva e de suas características sintático-semânticas e pragmático-discursivas, foram analisadas, tanto as manchetes, quanto suas respectivas notícias, que contextualizam os textos das manchetes.

A seguir são apresentados e discutidos alguns exemplos das ocorrências encontradas.

Exemplo 1:

Casal de classe alta é preso por roubar carros

Casal rouba carros para manter vida de luxo

Jovens são filhos de empresários de Vila Velha e da Serra

(...)

Igor de Souza Lopes, 20 anos, foi preso na casa de um amigo, em Maratáizes, no Sul do Estado. Já a namorada dele, a universitária Nathália Herbst de Oliveira, 19, estava trabalhando na loja da família, na Glória, em Vila Velha, quando foi abordada **pela polícia**. (...)

(Notícia de Mayra Bandeira, Jornal *A Gazeta*, 31/01/2014, Cidades, Segurança, p. 12)

A manchete “Casal de classe alta é preso por roubo de carros” está na estrutura de passiva analítica, porém sem o agente da passiva expresso. Essa supressão ocorre naturalmente, pois o agente da passiva pode ser resgatado com base no conhecimento de mundo: quem tem o poder de prender, quando alguém pratica um crime, é a polícia. Logo, seria redundante expressar esse agente, que já está pressuposto pelo verbo utilizado “prender”. Percebe-se também que mesmo o agente da passiva sendo pressuposto, ele é expresso na notícia: “quando foi abordada pela polícia”. A topicalização do sujeito paciente pode ser considerada uma estratégia utilizada pelo autor para chamar a atenção do leitor. Esse sujeito paciente, embora sofra a ação praticada pelo agente, também é colocado como agente logo na sequência “Casal rouba carros para manter vida de luxo”. Portanto, por ser um casal com boas condições financeiras, mas que, ainda assim, quer ter uma vida mais luxuosa, tira essa visão de que só as pessoas com poucos recursos financeiros, devido aos seus contextos sociais, é que praticam crimes. Como essa manchete aparece na capa do jornal, pode-se dizer que se trata de uma estratégia usada para despertar a atenção do leitor a notícia inteira, fazendo com que ele compre o jornal, para saber mais detalhes sobre esse acontecimento. Percebemos também

que é muito frequente esse tipo de verbo na estrutura de passiva em manchetes policiais: “é solto”, “é preso”, “é liberado”. O uso recorrente desse tipo de estrutura pode levar a uma automatização da forma, tornando-a familiar ao falante.

Outra motivação para usar a estrutura de passiva é o desconhecimento da identidade do agente da passiva, embora tenha havido poucas ocorrências, apenas em 18,4% das manchetes o agente é desconhecido, como no exemplo a seguir.

Exemplo 2:

Jornaleiro é morto a tiros

Comerciante é morto com 4 tiros em Guarapari
Vítima era proprietário de banca de revistas há 12 anos

O dono de uma banca de revistas de Guarapari foi executado na madrugada de ontem, enquanto dormia no sítio dele, que fica na localidade de Boa Esperança, no mesmo município. Hélio Santos Viana, 54 anos, foi morto com quatro tiros.

(...)

Uma das linhas de investigação é a de crime de mando. Isso porque, de acordo com o delegado Robson Damasceno, o comerciante morto tinha uma dívida de R\$ 15 mil – o que pode ter motivado o crime. O homicídio está sendo tratado como qualificado pelo fato de o criminoso ter utilizado recurso que impossibilitou a defesa da vítima.

(...)

De acordo com a polícia, nenhum suspeito havia sido preso até a tarde de ontem.

(Notícia de Almir Neto e Iara Diniz, *Jornal A Gazeta*, 09/01/2014, Cidades, Segurança, p. 14)

A manchete “Jornaleiro é morto a tiros” é um exemplo de como a estrutura de passiva é uma estratégia comunicativa de omissão do agente, devido ao desconhecimento de sua identidade, nesse caso, não se sabe quem é o assassino. O autor topicaliza o sujeito paciente, colocando em cena a vítima do crime de assassinato. Nota-se que ninguém conseguiu identificar, apontar, quem foi o suspeito do crime, nem mesmo o motivo da morte foi definido.

O gênero manchete “como enunciado curto e objetivo, sintetiza com precisão a informação mais importante do texto e sempre procura expressar o aspecto mais específico do assunto, não o mais geral” (COSTA, 2009, p. 143). Nas manchetes analisadas, o elemento de maior importância para o falante, que também é utilizado para atrair a atenção do leitor, é topicalizado. Este resultado também está de acordo com o sub-princípio funcionalista da ordenação linear, segundo o qual a ordem dos

elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante (GIVÓN, 1991, 1995).

Exemplo 3:

Nove pessoas são rendidas em casa de praia

Nove pessoas reféns na Ponta da Fruta

Os criminosos roubaram objetos da residência, além de um veículo Corolla

Nove pessoas – entre elas três crianças – foram reféns em um assalto ocorrido em uma casa de praia, na Ponta da Fruta, em Vila Velha, na madrugada de ontem. Os suspeitos do assalto foram presos, e todos os objetos roubados foram recuperados. Eles disseram que queriam curtir o carnaval e estavam sem dinheiro.

Os acusados do roubo são o montador Gilmar Gonzaga Santos Filho, 22 anos, o gesseiro Gideon Santana de Matos, 22, e o ajudante de pedreiro Jeferson Gomes Cândido, 19.

(...)

(Notícia de Ana Paula Mill, *Jornal A Gazeta*, 04/03/2014, Cidades, Segurança, p. 13)

A manchete “Nove pessoas são rendidas em casa de praia” mostra o foco do autor da notícia no sujeito paciente: nove pessoas foram reféns de assaltantes, não foi apenas uma pessoa, logo, a grande quantidade de pessoas rendidas chama a atenção do público leitor, a ponto de querer saber os detalhes desse crime, autor, localidade, feridos. Percebe-se que a identidade do agente da ação verbal é reconhecida, neste caso, os assaltantes, e está expressa na notícia: “Os acusados do roubo são o montador Gilmar Gonzaga Santos Filho, 22 anos, o gesseiro Gideon Santana de Matos, 22, e o ajudante de pedreiro Jeferson Gomes Cândido, 19”. Porém, esse agente da passiva não é expresso na manchete, porque o foco recai sobre as vítimas.

Observa-se que, embora o agente não esteja expresso na manchete, ele é expresso na notícia. Nas manchetes analisadas, isso só não ocorre quando o agente é desconhecido. Essa característica do gênero manchete de focalizar a informação mais importante do texto, a(s) vítima(s), demonstra que o agente tem baixa importância temática. A escolha dos itens lexicais também auxilia na interpretação da manchete e na hipótese do possível agente: quem rende alguém é um criminoso, geralmente chamado de bandido, assaltante, isso faz parte do conhecimento de mundo das pessoas. Logo, não interessa expressar esses agentes na manchete, uma vez que estão expressos na notícia e o leitor saberá entendê-la completamente.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A supressão do agente também pode ser entendida como uma estratégia de colocar sobre o sujeito paciente toda a responsabilidade pela ação executada contra ele, como parece ser o caso da manchete a seguir.

Exemplo 4:

Professor é intimado a voltar ao trabalho

Greve de professores

Sindicato terá que pagar multa de R\$ 631 mil

Movimento foi mantido e considerado ilegal pela Justiça

Uma multa de R\$ 631 mil terá que ser paga pelo Sindicato dos Professores da rede estadual (Sindiupes) por não suspender a greve da categoria. A ilegalidade do movimento já havia sido decretada pela Justiça em decisão do dia 14 de abril. Porém, os professores não voltaram às aulas, como exigia a decisão. A continuidade da greve foi reforçada ontem, em assembleia da categoria.

(...)

Um dos entraves é a reposição das perdas salariais que o governo se diz impedido de conceder por causa do período eleitoral

(...)

A decisão concedida ontem é do desembargador Carlos Henrique Rios do Amaral, em um recurso feito pelo governo ao Tribunal de Justiça.

(...)

O procurador-geral do Estado, Rodrigo Marques de Abreu Júdice explicou que essa foi uma “medida coercitiva” dentro da lei, encontrada para dar solução ao conflito, visto que a categoria não aceitou o que havia sido pactuado nas reuniões com a mediação do Ministério Público. Ele disse que havia a esperança de um consenso entre governo e professores.

(...)

(Notícia de Elton Lyrio, *Jornal A Gazeta*, 16/05/2014, Cidades, Justiça, p. 03)

Embora o agente da passiva seja pressuposto e recuperável no contexto, “desembargador Carlos Henrique Rios do Amaral”, o modo como a cláusula é construída, “Professor é intimado a voltar ao trabalho”, confere ao professor toda a responsabilidade sobre a greve. O uso da forma no singular “professor” reforça essa ideia, além de mostrar a fragilidade da categoria em conseguir negociar com o governo, uma vez que os professores não são vistos em conjunto, mas como um indivíduo facilmente controlado. Responsabilizados pelos problemas causados com a greve, apesar de aparecer no papel de sujeito paciente, aquele que sofre uma ação, não são considerados como vítimas. E isso é verificado no corpo da notícia, com o uso de estruturas como “essa foi uma ‘medida coercitiva’ dentro da lei”, “um dos entraves é a reposição das perdas salariais que o governo se diz impedido de conceder por causa do período eleitoral”, “a categoria não aceitou o que havia sido pactuado”.

Como se verificou que a maioria das estruturas de passiva (86,80%), encontradas no jornal *A Gazeta*, no período informado, não tem o agente da passiva expresso, houve uma preocupação em alguns dos elementos que aparecem no lugar do agente.

Bechara (2009, p. 434-435) adverte que: “nem todo termo introduzido pela preposição *por* funciona como complemento de agente, principalmente se apresenta o traço *não animado*, referente a uma coisa, quando deve ser classificado como adjunto circunstancial de causa ou meio”.

Do total de manchetes encontradas, 16 apresentam uma causa introduzida pela preposição “por” no lugar do agente, e apenas uma veicula tempo, como se pode observar nas manchetes a seguir.

Exemplo 5:

Sindicalista é preso por morte da amante (<i>A Gazeta</i> , 07/05/2014, Cidades, Segurança)
Vendedor é preso por causa de atestado falso (<i>A Gazeta</i> , 05/06/2014, Cidades, Segurança)
Um veículo é roubado por hora no Estado (<i>A Gazeta</i> , 02/04/2014, Cidades, Segurança)

O agente da passiva também é substituído por outros elementos, que não introduzidos pela preposição “por” e que veiculam diferentes sentidos como consequência, modo, tempo, causa, meio, instrumento, lugar e fim. Seguem alguns exemplos.

Exemplo 5:

Quatro rapazes são feridos em tiroteio com a PM (<i>A Gazeta</i> , 06/01/2014, Cidades, Segurança)
Apartamento em Itapoã é usado como laboratório de drogas (<i>A Gazeta</i> , 23/01/2014, Cidades, Segurança)
Campeã do carnaval será conhecida hoje (<i>A Gazeta</i> , 25/02/2014, Cidades, Entretenimento)
Ex-diretores do Detran são acusados de fraude (<i>A Gazeta</i> , 31/05/2014, Cidades, Segurança)
Ladrões são perseguidos por helicóptero (<i>A Gazeta</i> , 27/01/2014, Cidades, Segurança)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Jovem é morta com 14 tiros por dar fora em homem (A <i>Gazeta</i> , 17/02/2014, Cidades, Segurança)
Corpo de paraquedista é encontrado no Rio de Janeiro (A <i>Gazeta</i> , 05/01/2014, Cidades, Segurança)
Professor é intimado a voltar ao trabalho (A <i>Gazeta</i> , 16/05/2014, Cidades, Justiça)

Para a análise, foram selecionadas tanto as manchetes com agente da passiva expresso, como aquelas com passiva sem o agente expresso. Nessas últimas, analisamos as possíveis estratégias de desfocalização do agente, que poderia explicar seu apagamento, como pode ser percebido nos exemplos arrolados.

Uma primeira seleção considerou as ocorrências de passiva em todo o jornal, dividido em áreas como segurança, esportes, política entre outras, com o intuito de identificar em qual área a passiva seria mais recorrente. Nesse levantamento, foram contabilizadas 1946 manchetes, das quais 144 apresentam estrutura de passiva analítica.

O quadro 1, a seguir, resume todos esses dados, proporcionando uma melhor visualização.

Manchetes em geral 1946	Manchetes com passiva analítica 144 (7,39%)	
	Manchetes policiais com passiva analítica 91 (63,19%)	
	com agente expresso 19 (13,20%)	sem agente expresso 125 (86,80%)
	agente pressuposto/recuperável 86 (68,80%)	

Quadro 1 – Ocorrências de passiva analítica

Como se pode observar no quadro 1, os resultados demonstram que, no período analisado, apenas 7,39% das manchetes contêm estrutura de passiva analítica. Entretanto, considerando a distribuição dessas estruturas em diferentes áreas temáticas do jornal, verificou-se que na seção referente às manchetes policiais, aquelas relacionadas a crimes, há uma considerável quantidade de estrutura de passiva. Das 144 ocorrências totais, 91, ou seja, 63,19% das passivas encontram-se nesse contexto específico. E dessas 91 ocorrências, 125 (86,81%) não apresentam o agente expresso. Das manchetes sem o agente expresso, em 68,80% (cerca de 86), o agente é pressuposto e recuperável por inferências ou pelo contexto da notícia.

5. *A voz passiva no ensino de língua portuguesa*

A partir do levantamento e da análise das estruturas de passiva sob a perspectiva centrada no uso da língua, é possível pensar no ensino dessa estrutura de uma maneira efetivamente aplicada.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) ressaltam que “a reflexão sobre as linguagens e seus sistemas (...) é mais do que uma necessidade, é uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada” (PCN, 2000, p. 6).

Nesse contexto, uma das competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos, é “compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade”. (PCN, 2000, p. 10)

As relações linguísticas, longe de serem uniformes, marcam o poder simbólico acumulado pelos seus protagonistas. Não existe uma competência linguística abstrata, mas, sim, uma delimitada pelas condições de produção/interpretação dos enunciados, determinados pelos contextos de uso da língua. Ela é um código ao mesmo tempo comunicativo e legislativo. Apenas o domínio do código restrito não resulta no sucesso da comunicação. Algumas situações de fala e escrita podem inclusive produzir o silêncio daquele que se sente pouco à vontade no ato interlocutivo. (PCN, 2000, p. 11)

Assim, o ensino de língua portuguesa não deve ser para mostrar uma visão estática de gramática, ou uma língua com construções fechadas em si, cheias de itens gramaticais, mas deve mostrar uma língua dotada de sentido, com estruturas fluídas e que está em constante mudança. Isto é refletir sobre a linguagem. O ensino da voz passiva analítica não tem de apontar essa estrutura como uma mudança da voz ativa para a passiva ou apenas indicar sua classificação sintática. Deve, sim, fazer refletir sobre estratégias de uso dessa estrutura, como tentamos pontuar com este trabalho.

Necessária também é uma reflexão sobre o contexto de produção de textos. O ensino de língua portuguesa deve de dar por meio dos gêneros textuais, a fim de evidenciar os propósitos comunicativos do falante/escritor. Frases soltas, sem sentido algum para os alunos, não os fazem refletir sobre a significação da linguagem.

O uso depende de se ter conhecimento sobre o dito/escrito (a leitura/análise), a escolha de gêneros e tipos de discurso. Tais escolhas refletem conhecimento e domínio de “contratos” textuais não declarados, mas que são implícitos. Tais contratos exigem que se fale/escreva desta ou daquela forma, segundo este ou aquele modo/gênero. Disso saem as formas textuais. (PCN, 2000, p. 22)

6. *Considerações finais*

O gênero textual manchete se caracteriza por ser um enunciado objetivo e curto. A estrutura de passiva analítica, nos estudos centrados no uso, apresenta certa complexidade, por apresentar uma estrutura maior que a ativa, mas que é muito comum no gênero manchete, muito presente no cotidiano dos usuários da língua.

Foram constatadas diferentes estratégias de uso da estrutura de passiva no gênero manchete: por ser o agente pressuposto, por desconhecimento da identidade do agente da passiva, pelo foco do autor no sujeito paciente, devido a sua importância temática, para despertar a atenção do leitor por meio da desfocalização do agente.

Observou-se que os subprincípios icônicos da quantidade e da ordenação linear são passíveis de serem aplicados na análise dos dados, confirmando que a estrutura de passiva é maior que a ativa, portanto, mais complexa que esta, e evidenciando o elemento de maior importância para o falante/escritor, o que explica sua colocação em primeiro lugar na sentença. Considerando também o princípio da marcação, pode-se afirmar que nas manchetes policiais, a estrutura de passiva é não marcada, já que é parte da estrutura composicional desse gênero.

A análise dos dados por meio de uma perspectiva centrada no uso possibilita um novo olhar para o estudo da passiva analítica, visto que, rompe com os métodos tradicionais de ensino e proporciona uma reflexão sobre esse fenômeno linguístico. A compreensão das intenções de comunicação, os contextos discursivos, as funções dos gêneros textuais são aspectos necessários no ensino de língua materna. O aluno não deve ser formado em técnicas linguísticas, mas precisa ser instrumentalizado para o uso efetivo da língua em diferentes contextos de interação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *GAZETA*, janeiro-junho 2014.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12598:publicacoes>. Acesso em: 03-08-2015.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. *Linguagem & Ensino*, vol. 3, n. 1, 2000.

_____.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FA- PERJ, 2013, p. 13-39.

GIVÓN, T. *Syntax: An Introduction*. vol. 2. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

_____. Serial verbs and the mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. In: TRAUGOTT; HEINE. (Eds.). *Approaches to grammaticalization*, vol. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 81-127.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. Rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

SHIBATANI, Masayoshi. Passives and related constructions: a prototype analysis. *Language*, vol. 61, n. 4, p. 821-848, 1985.

TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.